

Simpósio Temático 28

Andrea Maria Vizzotto Alcântara Lopes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Título da Comunicação: “Eu canto assim”: corpo e voz na narrativa audiovisual de Elis Regina

RESUMO: A cantora Elis Regina desempenhou um papel fundamental na reorganização do cenário musical brasileiro na década de 1960, sendo frequentemente afirmada a sua importância para a constituição da sigla-instituição musical MPB e para a construção de um modelo de interpretação que se adequava perfeitamente à nova mídia que vinha se consolidando no país e criando a sua própria linguagem: a televisão. Ela se tornou um modelo de cantora televisiva, tanto para a crítica da época, como para a construção memorialística de alguns atores sociais. O palco para a construção desse modelo teria sido o programa “O Fino da Bossa”, apresentado na TV Record de São Paulo entre 1965 e 1967, conduzido por Elis Regina, Jair Rodrigues e o conjunto instrumental Zimbo Trio. Em elepê lançado em setembro de 1966, com o título *Elis*, a intérprete rebatia – ao mesmo tempo em que aceitava – as críticas, como se percebe no texto que ela assina no encarte, afirmando que estava sentindo o seu trabalho como “falso”, que “não soubera ser leal ao que sempre, ambiciosa” sonhara fazer com música. Essa introspecção é afirmada quando diz que “precisava mostrar, primeiro a mim mesma, e depois aos outros, que aquilo tudo não era a verdade. Pelo menos a minha.” Após uma sequência de gravações ao vivo, ela apresentava novamente um disco realizado em estúdio. Não havia mais o palco e a necessidade de empolgar uma plateia televisiva. A preocupação em fazer essa autoafirmação é fundamental em todo o projeto de criação do disco. O mergulho na introspecção é reforçado pelas imagens presentes no encarte do disco, que mostram uma Elis Regina solitária, reclusa em uma espécie de sítio, em busca da sua identidade e da simplicidade de *Elis*, da pessoa e não da estrela. Esse aparente isolamento nos faz pensar que a cantora quis se afastar do universo televisivo para reencontrar a sua inspiração, sem ser influenciada por produtores, músicos e público. É uma busca pelo seu ato criativo. Em toda sua trajetória artística, Elis Regina buscou novos referenciais musicais, redefinindo-se política e esteticamente com a construção de uma nova “imagem de si”. A relação da artista com a indústria fonográfica, a televisão e a crítica musical foi marcada por tensões, ambiguidades e transformações. A partir das reflexões apresentadas por alguns autores, como Michel Pollak e Fredrik Barth propõe-se a discussão da construção de memória e de identidade por parte dessa intérprete. Ao mesmo tempo, propõe-se também como eixo de discussão o conceito de *performance* desenvolvido por Paul Zumthor – em que emissor, texto e receptor são considerados de forma relacional –, para pensar como Elis Regina produz mudanças na sua trajetória, pois ela não perde de vista o público a que dirigirá sua obra. Assim, procuro não só apreender a construção de identidades por Elis Regina, mas também as expectativas depositadas sobre ela, as críticas e cobranças a ela realizadas. Assim, tem-se um diálogo e é nessas trocas que busco entender os seus diferentes posicionamentos. Além das obras produzidas por Elis Regina, são também importantes os debates sobre a sua obra e a música popular brasileira do período para entender o cenário em que a cantora produzia. Apesar de mencionada sua importância como artista televisiva nesse período, são escassas as imagens que nos chegaram, devido aos incêndios ocorridos na TV Record, além da não conservação do seu material, constantemente regravado. Assim, temos fonogramas preservados nos três CDs “O Fino

da Bossa” lançados pela gravadora Velas, em 1994, além dos discos de carreira, que começaram a ser produzidos em 1960. É com esse material e uma análise mais acurada do início da sua carreira, frequentemente negligenciada em muitas discussões, que pretendemos entender a narrativa audiovisual produzida por Elis Regina e sua relação com o rádio, os bailes em clube, o teatro dos festivais e a televisão. Como entender essa “artista televisiva” com tão poucos registros audiovisuais do período? É possível compreender o visual a partir do audível? Como se relacionam essas formas de expressão em sua obra? Utilizando fontes sonoras, audiovisuais e impressas propomos discutir a obra de Elis Regina na década de 1960 problematizando a memória construída sobre a sua trajetória, bem como a construção de memória e identidade produzidas pela artista.